



RELAÇÕES DE TRABALHO E OPRESSÃO FEMININA. NUMA PERSPECTIVA DE ANÁLISE FÍLMICA.

Ellana Fiama Souza da Silva¹
Alan Silva Aviz²

RESUMO

As produções fílmicas têm como principal função a representação da realidade social de um determinado contexto histórico. Nessa perspectiva, esse trabalho permite, de forma hermenêutica, entender e discutir as relações de gênero e opressão femininas, apresentada em produções cinematográficas, tendo como principal referencia o filme *Pão e Rosas*, e através deste, fazemos uma análise, abordando o filme como recurso pedagógico, para perceber, como no mundo do trabalho, a partir da reestruturação produtiva, a opressão feminina se mantém e se reproduzem tendo como hegemonia e predominância o machismo e a submissão da mulher. Sendo este um resultado de uma atividade acadêmica de extensão, chamada *Tela Crítica*, elaborada pelo professor Giovanni Alves (UNESP), que discute as relações do mundo do trabalho através do cinema, atividade que vem sendo realizada na UFPA.

Palavras-chave: Relações de Gênero. Opressão. Trabalho

INTRODUÇÃO

Este artigo é fruto do *Projeto Tela Crítica*: o mundo do trabalho através do cinema. Elaborado pelo professor Giovanni Alves da UNESP, que visa discutir as relações do trabalho através do cinema, numa perspectiva hermenêutica. Esse projeto é desenvolvido também na Universidade Federal do Pará (UFPA), através de ciclos e encontros temáticos, objetivando analisar, através de filmes, como se processa o mundo do trabalho no contexto do capitalismo. Foi no contato com esse projeto na UFPA, que tivemos acesso ao filme *Pão e Rosas*, e conseqüentemente às discussões. Por meio dele, pudemos ampliar o entendimento e colocar em pauta

¹ Graduanda em Ciências sociais pela Universidade Federal do Pará (UFPA) - Bolsista PIBIC do Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEGP) email: ellana_fiama@hotmail.com.

² Graduando em Ciências sociais pela Universidade Federal do Pará (UFPA) - Bolsista de Extensão do projeto Tela Crítica.

18° REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



alguns problemas e questões enfrentadas por várias mulheres, nas relações de trabalho, a exemplo da opressão feminina, desigualdade de gênero, e exploração sexual da mulher. Desses encontros temáticos ocorridos em 2013 e 2014, surgiu a metodologia para análise da opressão e da condição da mulher no mundo do trabalho no sistema capitalista, proposta desse artigo. O *Projeto Tela Crítica* desenvolveu suas atividades em ciclos temáticos, e uma dessas atividades, durante o ano de 2013, teve como tema a *Precarização*, ciclo que possibilitou o acesso e a análise do filme *Pão e Rosas*, cuja exibição ensejou o debate a partir dos *slides* utilizados no projeto e apresentados pelo professor Giovanni Alves. A percepção foi a de opressão e discriminação ao gênero em vários seguimentos da sociedade.

Segundo o autor do projeto, "cada slide expõe o trabalho de análise crítica, que visa mobilizar cada aspecto da narrativa fílmica, inclusive aspectos formais, como música e fotografia, para a reflexão crítico-teórico". (ALVES, 2010a, p.119). A metodologia do Projeto contribui sobremaneira com o pensar crítico acerca das relações sobre o mundo do trabalho, aprimorando a discussão sobre as condições de emprego e renda expostas no filme.

2. Descrição do filme

Pão e Rosas é um filme lançado no ano 2000, cuja direção é do britânico Ken Loach, e traz para a ordem do dia temas como imigração ilegal, precarização do mercado de trabalho, opressão feminina, entre outros. O que nos chama atenção no filme e nos inspirou a escrever este artigo, é a forma como se dá e se reproduz a condição da mulher e sua exploração, não só por meio da dramaturgia, como no cotidiano. O filme *Pão e Rosas*, expõe a realidade de vários trabalhadores precarizados, mas enfatiza que a condição de *mulher* remete a uma exploração diferenciada (sexual). O filme se passa em Los Angeles e tem como protagonistas uma jovem chamada Maya e sua irmã Rosa, oriundas de Tijuana, cidade mexicana.

A narrativa começa mostrando a travessia de imigrantes ilegais nos Estados Unidos, sendo a maioria deles advindos da América latina, e os perigos não só para entrar no país, como também para lá sobreviver de forma digna. Os atravessadores recebem o dinheiro e entregam os familiares, mais quando chega a vez de Rosa

18° REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



(uma das protagonistas) pagar pela irmã, o atravessador confere o dinheiro e percebe que não está completo, portanto não entrega a *encomenda*. É então que começa a primeira aventura da jovem Maya na cidade grande, ela consegue fugir e vai para a casa da irmã, que já morava nos EUA e tinha esposo e filhos. Rosa trabalhava como faxineira dentro de um grande prédio comercial com o salário mínimo, sem direito a nenhuma garantia trabalhista, pago por uma empresa terceirizada. Mesmo sendo difícil, Rosa consegue empregar Maya, que vai percebendo os abusos a que eram submetidos os funcionários. Esse senso é mais aguçado quando ela esbarra com um rapaz que fugia dos seguranças do prédio, por ser do sindicato dos faxineiros. Ela o ajuda a escapar, depois disso os dois trocam contatos e ele a procura para falar sobre as péssimas condições de trabalho a que eram submetidos aqueles faxineiros, e pede ajuda a fim de organizá-los para que possam lutar pelos seus direitos. *A priori*, a ideia parece loucura. Mas Maya concorda com o rapaz (integrante do sindicato), enquanto Rosa acha impossível receber um aumento, ter direito a plano de saúde ou mesmo hora extra. Rosa discute com ele e o expulsa de sua casa.

Ocorre então um caso de opressão e demissão no trabalho, que choca a todos os faxineiros. Maya então liga para Sam (rapaz do sindicato) e marca de se encontrar junto com os outros faxineiros para contar o ocorrido. Então Sam conta seu plano de fazer passeatas, denúncias; enfrenta resistência no começo, mas a maioria se convence da ideia. Posteriormente o responsável pelo contrato que se chamava Perez descobre sobre a reunião e enfurecido convoca todos e os ameaça até de serem despedidos. Ao fim, quando todos se dispersam, Perez chama uma das mais antigas funcionárias de nome Berta para conversar e oferece um aumento de salário, férias, folga, seguro e promoção para o cargo de supervisora. Depois disso, ele pergunta quem organizou a reunião e a senhora, constrangida, responde. Ele continua a fazer perguntas; questiona se ela conhece a pessoa e ela só balança a cabeça negativamente, então é despedida por ter se recusado a entregar os mentores do processo. Maya fica arrasada, pois se sente culpada pelo ocorrido, mas tudo isso acaba fortalecendo o movimento. Os faxineiros começam a se impor a sair na hora do almoço, fazer reuniões após a jornada de trabalho e nelas conhecem

18° REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



outros faxineiros, só que sindicalizados, com eles, trocam experiências, organizam manifestações na frente do prédio e falam com o síndico.

Então resolvem invadir uma reunião que acontecia no prédio luxuoso em que trabalhavam, na qual estavam presentes todos os investidores a fim de comemorarem o avanço dos negócios. Os manifestantes infiltram-se e fazem *arruaças*, ganhando a atenção da mídia, que produz matérias sobre o acontecimento. Apesar do aparente sucesso, alguém dedura os responsáveis pelo movimento e cerca de cinco faxineiros são demitidos. Todos acusam uma faxineira que na verdade não havia realizado a denúncia, mas que afirma que Rosa, irmã de Maya, havia delatado o movimento. A princípio não acreditam, mas posteriormente, ao confrontar-se com sua irmã, com quem tem um profundo e tocante diálogo, Rosa revela a Maya que para chegar onde chegou, havia sofrido muito e trabalhado como prostituta de forma imensurável, mesmo não sendo sua vontade. Durante todo aquele tempo, enviava dinheiro para ajudar a família que estava no México, para resolver problemas de saúde, dinheiro esse que ajudou a família a não passar fome e contribuiu na criação de Maya. Ela então pede desculpas a Rosa.

Por fim, os faxineiros demitidos e os de outros prédios fazem uma grande ocupação no prédio em que Rosa trabalha, eles confrontam-se com a polícia e são todos presos, então a empresa faz um acordo e os funcionários são liberados e readmitidos, com condições mais dignas de trabalho. Maya havia cometido um delito e a polícia, quando prendeu a todos, associou o caso a ela, que teve de ser deportada. No entanto ela deixa um legado, pois foi uma das primeiras a acreditar que é possível sonhar e lutar por melhorias nas condições de trabalho e dignidade relacionadas não só à categoria de trabalhadores precarizados, como à própria mulher.

Pode-se visualizar nessa narrativa diversos elementos que se estendem desde o processo de conscientização e reconhecimento de classe, até a exploração feminina e transformação de oprimido em opressor. Na empresa em questão, a maioria dos contratados era do gênero feminino, o supervisor era latino-americano, mas não se enxergava como tal, já que oprimia, humilhava e despedia funcionários por motivos pífios, não levando em conta nem mesmo casos de doença na família



ou atraso por questões de trânsito. Ao contrário, colocava-se em um patamar no qual parecia de fato superior à eles, não no sentido do cargo, mas na postura, que pode ser descrita como um empregador branco, com condições econômicas boas e cidadão sul-americano desconhecedor de dificuldades, fome, miséria e sofrimentos, tão comuns entre pobres oriundos dos países latinos. Outro ponto citado é a baixa escolaridade e a prevalência do sexo feminino, fato que será aprofundado no tópico a seguir.

2.1. Linha histórica sobre o papel da mulher na sociedade.

Começamos essa apresentação com os elementos trabalhados por Bourdieu (2011), ele vai apresentar a dominação masculina dentro de uma esfera simbólica onde ela não se baseia em uma decisão consciente e sim em uma interiorização inconsciente do dominado (mulher). É algo que vem da cultura das instituições, tais como a família, a escola, a igreja, ou seja, é a construção de uma ideologia que vai ser propagada e absorvida pela sociedade.

É percebido na divisão sexual do trabalho que a sociedade concede papéis aos indivíduos e mesmo com os movimentos feministas e a emancipação da mulher, ainda assim a sociedade espera que ela cumpra as tarefas designadas. Já no tocante às profissões, a mulher é direcionada para aquelas que mais se identificam com o papel tradicional, ou seja, com o trabalho doméstico, cuidador, a exemplo de secretariado, ensino, enfermagem, serviços gerais entre outros.

Essa realidade mostra que apesar de todas as *conquistas* até aqui alcançadas, a mulher encaminha-se para as funções que lhe foram socialmente destinadas de forma natural, pois esse é um processo que acaba fazendo parte do indivíduo, presente na sua construção social, e que logo influencia diretamente suas escolhas. Maria Teles afirma:

Com os estudos feministas de gênero, essas relações desiguais de poder são apresentadas como resultados de uma construção social de papéis e funções de subordinação submissão e opressão imposta às mulheres por meios institucionais, educacionais e sociais. (TELES, 2006, p. 42).

18° REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



Na antropologia clássica, a divisão homem/mulher é feita a partir do estudo das estruturas de organização social e divisão do trabalho, onde se vê papéis diferentes a serem desempenhados, de acordo com a distinção de sexo. O papel feminino por sua vez tem um espaço preponderante nas relações de trocas, alianças, apesar de ser visto de forma secundária, esta é a base para o fortalecimento e sobrevivência dessas comunidades. Cardoso de oliveira expressa muito bem o papel desempenhado pelas mulheres no imaginário da antropologia clássica, ao afirmar que sempre estiveram presentes, domesticados, nos paradigmas da ordem, através de sua negação. Nessa linha de raciocínio pode-se pensar que a integridade social, psíquica e emocional das mulheres sempre esteve presente no pensamento antropológico clássico, porém, como disse Oliveira, “através de sua negação” sistemática e persistente. Dessa forma, parafraseando o autor (Cardoso de oliveira), a integridade feminina foi "domesticada, com a ideia de que a mulher - no singular - é um sujeito subordinado", ou, como prefere Dumont, "englobado”.

Percebendo então que essa invisibilidade da relevância do papel feminino não se dá somente no âmbito do cotidiano, mas também no acadêmico, e não somente nas sociedades de classes, ou seja, no capitalismo, mas como um processo amplo, presente no decorrer da história através de hábitos matrimoniais, educacionais, religiosos, entre outros.

Começam a ser apresentados estudos de gênero a partir de 1930 e 1960, e com eles surge o desafio de desnaturalizar esse papel de subjugação exercido sobre as mulheres no decorrer da história, assim como foi mostrado no filme *Pão e Rosas*, bem como de desvalorização das atividades desempenhadas pelas mulheres, sendo importante diferenciar as concepções de gênero e sexo, já que o primeiro varia de acordo com a construção social de cada cultura e o segundo, conforme o sentido mais biológico, e pode ser associado a ideia de fragilidade feminina, discurso que cai por terra quando se vê o bom desempenho das mulheres em funções tidas como *masculinas* por tanto tempo.

É nesse contexto que uma cadeia de tabus e preconceitos vai sendo estabelecido e reforça o autoritarismo e a supremacia masculina em relação à

18° REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE

Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:

Desafios no Campo da Militância e das Práticas



feminina, seja no âmbito doméstico ou fora dele. O que queremos registrar aqui é principalmente o quanto as construções de valores e condutas sociais, montada sobre uma base de passividade feminina, permitiram que essa submissão levasse à violência contra a mulher, e assim pudesse ser sustentada sobre a justificativa das próprias instituições sociais, sendo esta condição de não valorização da mulher, percebida desde a Grécia antiga.

Tendo como função primordial a reprodução da espécie humana, a mulher não só gerava, amamentava e criava os filhos, como produzia tudo aquilo que era diretamente ligado à subsistência do homem: fição, tecelagem, alimentação. [...] A essa divisão concreta de atividades correspondiam valorações diversas. O “fora de casa”, onde se desenvolviam as atividades consideradas mais nobres – filosofia, política e arte – era o campo masculino. (ALVES, 1985, p. 12).

Na modernidade, percebe-se uma nova abordagem de gênero e sexualidade pautados nas reinvenções dos relacionamentos, ou como chama Marlise Matos, vínculos amorosos. Tais reinvenções fugiram da heteronormatividade e vieram somar-se às lutas para romper a hierarquização do masculino sobre o feminino, que passou a disputar terrenos nos anos 60 e 70, com a solidificação do movimento de Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transexuais (LGBT). A partir de então, não somente as mulheres, mas também o seguimento supracitado, cobra uma nova dinâmica social onde se tornam necessárias mudanças de papéis e de comportamentos.

Criam-se novas identidades sociais e a ideia de feminino *vérsus* masculino de repente se mostra tão frágil diante das novas experiências que vão surgindo, tornando-se claro que, na verdade, durante tanto tempo foram criações e assimilações de papéis. Daí, tem-se como exemplo a experiência gay e a própria experiência *trans*. Stuart Hall (2002), afirma que as identidades são móveis e adaptam-se de acordo com as necessidades/exigências. As relações de gênero não somente entrecruzam-se, mas também chocam-se e reinventam-se, estando abertas como espaço para o novo, que pode provocar o estranhamento, mas que também vai assumindo o seu lugar no cenário de relacionamentos.

18° REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



Idade Média e do Renascimento, o trabalho foi considerado como um sinal de desprezo, de inferioridade.

Sendo importante entender que o trabalho precisa ser visto como o processo que não se restringe a produção e reprodução material da vida humana em sociedade, mas também às formas como os homens produzem a si próprios e a sociedade (HARVEY, 2003).

Essa concepção atingia o *status* jurídico e político dos trabalhadores, escravos e servos. Com a evolução das sociedades, os conceitos alteraram-se. O trabalho como *torturador* e *maldição* deu lugar ao trabalho como fonte de realização pessoal e social, uma forma de dignificação da pessoa. A seguir elencamos algumas definições de trabalho de acordo com o dicionário. A palavra *trabalho* veio do latim *tripalium*, tripálio (instrumento de tortura). Trabalho é um conjunto de atividades realizadas; é o esforço feito por indivíduos, com o objetivo de atingir uma meta; atenção empregada na realização ou fabricação de alguma coisa; esmero; produto que foi realizado, desenvolvido ou elaborado.

Quando chegamos ao atual sistema de produção, percebe-se a valorização do trabalho, pois na nossa sociedade ele é a forma de suprir nossas necessidades básicas e, como diz Marx, é um ato histórico já que a relação social se baseia na interação com o outro e na luta para tirar o sustento da natureza, portanto o trabalho é a produção da própria vida material (MARX, 1996).

Para Marx, no capitalismo, tudo vira mercadoria (até o homem passa a ser visto assim, já que vende sua força de trabalho) e apenas um grupo que é a minoria detêm os meios de produção, portanto, a maioria, para sobreviver, vende sua força de trabalho, ou seja, acumula riquezas para os capitalistas, porque trabalha uma quantidade de tempo superior do que a necessária para se pagar o salário. A esta exploração Marx chama de *mais-valia*.

Mas afinal, o que é mercadoria? Ela tem um caráter utilitário, posto que a mesma só tem valor se for útil para o meio social e *aceita* por este. Mercadoria varia de sociedade para sociedade, para nós é perfeitamente normal, compramos e usamos cadeira, mesa. Ela tem um valor, uma utilidade. Mas dentro de outro contexto, como uma tribo indígena, que valor seria atribuído ao mesmo objeto?

18° REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: **Perspectivas Feministas de Gênero:**
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



PISCITELLI A.; ALGRANTI L. **Re-criando a (categoria) mulher**. Textos didáticos, v. 48, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **Dominação Masculina**. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011. Tradução de: Maria Helena Kühner.

HALL, Stuart. **A Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HARVEY, David. **A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. 12. ed. São Paulo: Loyola, 2003.

MATOS, Marlise. **Reinvenções do Vínculo Amoroso: cultura e identidade de gênero na modernidade tardia**. Belo Horizonte: Editora UFMG/IUPERJ, 2000.

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política**. São Paulo: Abril Cultural. livro I, v. 1, 1996.

_____. **Manifesto Comunista**. São Paulo: Editora Boitempo, 1998.

_____. **Trabalho assalariado e capital**. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

Trabalho e cinema: o mundo do trabalho através do cinema. Londrina: Praxis; Bauru: Canal 6, v. 4, 2014.

TELES, Maria Amélia. O que é gênero. In: TELES, Maria Amélia. **O que são direitos humanos da mulher**. São Paulo: Brasiliense, 2006.